

# O Gaiato

**PORTE PAGO**

Quinzenário \* 18 de Fevereiro de 1984 \* Ano XL — N.º 1042 — Preço 7\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Em vez  
de manifestações...  
vistamo-nos  
de saco e cinza  
e proclamemos  
diante de nós próprios,  
e de todo o povo,  
que somos culpados;  
que, arrependidos,  
abandonamos  
decididamente  
a mediocridade  
e que a nossa vida  
irá ser,  
daqui em diante,  
muito mais aberta!



## NOTAS da QUINZENA

● Pobres? Onde estão? Como conhecê-los?

Uma família caiu em desgraça. Pouco a pouco tudo se consumiu. A última coisa foi o oiro dos avós, quando da morte do marido e do pai.

Ficou a viúva com três filhas. Não mudaram a dignidade e o ar civilizado e limpo. «Impostoras»... — começaram os vizinhos. Começou também a cruz mais dolorosa...

Olhadas de revés — porque não têm e parecem ter. Se, os que assim olham, são cristãos, estão muito longe do espírito do Senhor.

Quando, em cima da mesa antiga, aparece a sopa e o pão, vem o silêncio daquela mãe de olhar vazio e coração amargurado.

Perante os homens, quais os verdadeiros Pobres?

Olha a Escritura, Dt 15,7-11: «Se houver no teu meio algum necessitado, um dos teus Irmãos, não endurecerás

Cont. na 3.ª página

## SETÚBAL

Queria juntar o meu clamor ao de toda a Igreja e de todos os homens rectos, porque na nossa terra se aprovou a legalização de alguns abortos. Porque em Portugal se legalizará (?) a pena de morte contra vítimas inocentes.

Numa grande reunião de juventude realizada, há meses, em Fátima, encontrei alguns jovens deficientes, felizes no meio de outros sãos.

Estou a lembrar-me de um grupo de raparigas dos 16 aos 20 anos, em passeio alegre, a pé, pelas ruas arborizadas daquele local.

Com outros, almoçávamos, comendo à mão, o frango assado, os pastéis de bacalhau e o pãozinho mole.

No meio delas seguia uma, sem mãos, deixando ver, por baixo das mangas de um casaco lilás, uns cotos atrofiados. Notava-se que ela dominava o grupo pela sua inteligente comunicabilidade.

A gente fica sempre suspenso na contemplação de quadros desta natureza!

Sinto, instintivamente, vontade de dar graças a Deus pela saúde das minhas mãos e dos meus braços e interrogo-me em voz alta:

— Porquê, Senhor, ela..., e não eu?

Alguém me observa do lado: — Naquela data nasceram muitos bebés assim, por causa de determinado contraceptivo que os pais utilizavam.

A ciência veio a descobrir a razão das anormalidades e a lei proibiu a sua venda.

Se as Leis do Decálogo e da Natureza tivessem sido observadas, aquela menina teria nascido perfeita.

Os contraceptivos seriam desnecessários. Respeitar-se-iam as forças puras da Natureza.

O homem meteu a mão incontrolada e cega do hedonismo e os resultados foram aberrantes!... Quem suportará a fraqueza inqualificável daquela paternidade será a filha, mas o sofrimento redimirá os pais da sua cegueira inicial.

Daqui em diante será impune, aos olhos de uma lei inflexível, acabar com todos os deficientes, antes do seu nascimento!... A cobardia vencerá!...

Os cristãos devem estar atentos aos sinais dos tempos — ensina-nos a Igreja.

Esta aprovação parlamentar é a prova evidente de uma crise brutal que se abateu sobre o cerne da vida humana.

É o sinal de uma maldição divina, diria o Antigo Testamento.

É a acusação clara dos pecados de omissão cometidos, na época actual, pelos discípulos de Jesus!...

Os trechos do Evangelho, deste tempo litúrgico, contêm-nos que Jesus passava curando todos os achaques e doenças do povo.

Onde estão os discípulos do Mestre — que O devem tornar vivo e actuante, neste mundo — a curar os achaques e doenças do povo?

Onde estão o carinho e a ajuda humana dada a prostitutas, mães solteiras, deficientes físicos e psíquicos? Onde estão?...

A força infinita do Espírito de Deus não encontra, hoje,

entre nós, nem pessoas nem ambientes onde possa manifestar, claramente, por obras irrefutáveis, o grande Amor do Pai.

É com muita tristeza e contrição que não vejo ninguém bater no peito!

Em vez de manifestações à moda dos movimentos políticos, vistamo-nos de saco e cinza e proclamemos diante de nós próprios, e de todo o povo, que somos culpados; que, arrependidos, abandonamos decididamente a medito-

Cont. na 4.ª página

## Recado aos novos Assinantes de «O Gaiato»

A Redacção do jornal esclarece de vez em quando. Mas não é demais insistir. E eu próprio sinto esse dever, dado que na «pregação» de O GAIATO — em que ocupo muitos domingos disponíveis de outra obrigação mais urgente — não tenho tempo nem acho ser a oportunidade conveniente para tratar dos aspectos materiais que a assinatura de um jornal envolve, verificando, embora, que isso preocupa muitos dos que se inscrevem assinantes.

A verdade é que esta campanha de difundir O GAIATO vem desde a primeira hora e nunca foi interrompida. Ela brota, irresistivelmente, do nosso ser de «porta aberta», da Obra ser de todos, para todos e portanto deve ser por todos.

A Obra da Rua é uma imensa Família de inquietos pela sorte dos mais esquecidos, dos mais abandonados. De modo algum se confina nas paredes das suas Casas. E o jornal é o veículo desta comunicação no seio da grande Família. Se ele é motivo de muitos dons para a Família «de dentro», só Deus sabe de quantos não tem sido portador para a Família «de fora». Por isso nós saímos, não tanto para angariar auxílios como para contagiar inquietação, da espécie que devorou o coração sacerdotal de Pai Américo e o levou a fazer do bem que foi possível à sua humana limitação (e é tamanho!), um testemunho mobilizador de muitos que têm sido arrancados da inér-

cia para o dinamismo do amor «em obras e em verdade» que só esse é o verdadeiro amor que mutuamente nos devemos.

O GAIATO não é um jornal de notícias; é um factor de conversão. É-o por força do Espírito que soprou em Pai Américo e agora (há vinte sete anos) tem de soprar com multiplicada intensidade em função da fragilidade dos instrumentos de que se serve. É em dores de parto que cada número é escrito. Com o «coração contrito e humilhado» — tudo quanto temos para pôr à disposição de Deus para que Ele faça luz do crepúsculo que somos. E assim tem sido, para nossa confusão... e também nosso conforto! Por isso saí-

Cont. na 3.ª página

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Setúbal

**DESPORTO** — Os grandes e os pequenos já treinámos e disputámos dois jogos. Um, em Dezembro, com amigos de Azeitão, aqui, em nossa Casa, o qual vencemos depois de estarmos a perder por 4-3. O outro foi no domingo, 8 de Janeiro. Perdemos por 2-3 pois a equipa estava sem inspiração. Isso não quer dizer que não tenhamos equipa; pelo contrário, temos gente com boas qualidades individuais.

Alerto todos os que nos quiserem defrontar que apresentamos uma equipa de todas as idades, isto é, somos capazes de defrontar qualquer uma, seja ela qual for. Contudo, pedimos que entrem em contacto com o César Amante — Lar do Gaiato, telefone 23054; ou por carta, como queiram, nos dias úteis, de preferência às quartas-feiras.

**UM PEDIDO** — Ainda vamos mal de finanças, depois do apelo dos responsáveis pelas actividades desportivas! Só receberam 500\$00 que juntos a outros mil somam 1.500\$. Investiguei diversas casas de artigos desportivos e soube que um equipamento completo fica, agora, por 30.000\$, o que é bastante caro. Para mais, não temos nenhum equipamento para os pequenos — o que é mau. Prevemos, pelo menos, quatro equipamentos: dois para os pequenos e dois para os mais velhos, isto é, o neutro e o principal. Temos, ainda, falta de bolas e chuteiras. Vamos primeiro tratar do futebol e depois será o atletismo. Se nos quiserem atender, dirijam-se à Comissão Desportiva — Casa do Gaiato — 2900 Setúbal.

**GATOS «SELVAGENS»** — Numa destas noites, no Lar de Setúbal, ficou uma porta aberta e, pela calada da noite, uns intrusos dirigiram-se à capela e viraram-na do avesso! A toalha e o castiçal do altar para um lado, o rosário e o livro do Terço para outro. Eles não sabem o que fazem, nem tão pouco pensam. Por vezes tornam-nos como eles... Só que a inocência do gato não nos justifica...

**«AMIGOS DO ALHEIO»** — A inocência de um gato não nos justifica. E digo porquê:

Na noite de segunda-feira desapareceu-nos um vitelo! Já não é a primeira vez que isto acontece!

Nós aqui, na Casa do Gaiato, somos educados para nos lançarmos na vida de forma a não sermos «amigos do alheio». Agora, que na nossa sociedade tais coisas acontecem ainda mais, de quem é a culpa? Os que desconhecem a causa dizem que são os pais e outras coisas mais. Mas o certo é que somos todos nós, todos aqueles que fazem parte dessa mesma sociedade.

Há muitas pessoas que nos detestam a nós, gaiatos, sem razão de ser, porque não conhecem a nossa vida. E se um rapaz nosso comete uma falta, acusam... São ignorantes, não sabem donde veio este ou aquele...

Pois aquele ou aqueles que cometeram a proeza podem apresentar todas as palavras que quiserem, mas inocentes de tal facto não são — nem a sociedade em que vivemos. Os gatos, esses sim, são inocentes!

César Amante

**UM CASO** — Chegaram, do Montijo, o Diogo, de catorze anos, mais um sobrinho de cinco. Foi à noite. Entrei no escritório e ouvi, várias vezes, o Padre Acílio a dizer que o tio não se ia adaptar. Olhei o rapaz mais pequeno e alitrei um talvez. Não tinham família nem ninguém! Seriam bem nossos pela força das circunstâncias. Mas não! Os catorze anos do Diogo não deixaram... Outros hábitos já o tinham marcado! Quatro dias depois, Padre Acílio dá-me a notícia: — O Diogo fugiu e levou o pequeno sobrinho. Podia ir só; mas não, levou o pequenito para o ajudar no «negócio» da pedincha! E se no Montijo, e noutros locais, houvesse quem bradasse para tomarem conta destes filhos de ninguém?!...

Há tantos casais que vivem sem filhos!...

Ernesto Pinto

## Calvário

**«KAKI»** — Há 20 anos estava aqui conosco porque duas senhoras encontraram a única porta aberta para ele! Na altura, era uma criança com perto de cinco anos, anormal, cego e já com um tumor canceroso na cabeça.

Não tinha quem o quisesse — como outros nas mesmas circunstâncias! Ninguém os quer! São cerca de 600 pedidos por ano, das mais variadas procedências e de variadíssimos modos que nos chegam aqui...!

Tenho ouvido dizer, muitas vezes, que não é função da nossa Obra solucionar problemas de assistência. Mas impressionou-me muito o «Kaki»! Da sua anormalidade até ao mal que atormentando-o tão fortemente, não era capaz de estar quieto e calado um instante! Até mesmo durante as horas que ia para a cama!

Normalmente, nas quadras festivas recebemos os presentes dos homens. O Senhor, nosso Deus, também se associou e veio buscar aqui «presentes». Desta vez o «Kaki». Poucos minutos depois, outro, com história diferente. Mais camas vazias...! Isto não é o mal. Mas outro «mal» que faz correr tanta gente para aqui. Somos uma solução tão pequenina para os «buracos» que a sociedade, mergulhada em desmazelos, barulhos..., vai abrindo cada vez mais. Tanta gente que anda a buscar... e não encontra!

E tantos Incuráveis à espera de braços fortes que os ajudem! Eles que são parte do Reino e da Vida.

Amigo(a) leitor(a) não leias O GAIATO apressadamente! Mas em silêncio... Pois eu continuo a acreditar em valores, como o «Kaki»... E sei que Deus entra devagar na vida de cada um de nós... Ele

não é lento. Nós é que o somos muitas vezes! Até as flores duram pouco a mostrar a sua plena beleza!...

**NOTICIÁRIO** — O Valentim vem ter comigo. Quer umas botas. Chegam, entretanto, um par delas, novas, pela mão da irmã do João. Fica todo contente com elas... Andou aquele domingo bem calçado!

Dias depois desapareceram! Foram postas num buraco!

— Porque fez isso, Valentim?

— Ora sei lá! Aleijavam-me um pé!

E nós acrescentámos:

— Se fossem alguns sapatos com saltos altos!

O Zé veio de Salvaterra. Esteve muitos anos à espera para ter aqui lugar. Como tantos outros... Lembrou-se, agora, de ir dar uma «curva»! Não fala, mas entende-se bem. Tem «jeito» para andar atrás de camionetas. Não demos conta senão perto da noite! Regressa todo molhado... — Não pode ser assim, Zé...!

Manuel Simões

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

**Chuva. Vento. Inverno...!**

Terminávamos a refeição. Quantos, por esse Mundo fora, não conhecem mesa, nem talheres nem horas de comer...!

Batem à porta. É uma mulher de meia idade. Rosto macerado! Cabelo cortado. Roupas puídas. Mas com ar digno. Na mão uma alfofa pejada de roupa usada, alimentos... o que lhe dão.

Mendicidade...!

Pela nossa tarimba... na verdade, um ar de miséria...!

A mulher pousa a alfofa mais guarda-chuva. Descansa um pouco. Só depois fala, envergonhada, pois não está rodada na cassette dos pedintes profissionais. Diz pouco — quase nada — com ar de dor:

— Vivo com muitas dificuldades...! Sou de...

Arredores do grande Porto! Zona industrial... Desemprego... Famílias desfeitas ou desorganizadas... Miséria... que as nações motivam — em jogos económico-financeiros — e os Pobres são, continuarão a ser, as maiores vítimas!

Continua de voz embargada:

— Na minha terra todos me conhecem... Dão-me o que podem... Mas eu não posso abusar, não posso chatear todos os dias aquela gente, pois cansam-se de me dar...!

É uma terra de trabalhadores, uma zona industrial que serve, ainda, de dormitório do grande Porto.

Por fim, repete com mais ênfase:

— Tenham paciência! Ajudem-me...! Não posso sacrificar aquela gente todos os dias e, por isso, venho por'í fora... Custa-me tanto, tanto...!

Se pudéssemos, naquela hora, passar palavra aos amigos que ela desejaria não chatear todos os dias e, em seu nome, pedir que aliviassem a caminhada desta mulher! Até pela vergonha que sofre, por deixar

o solo onde vive e ter de colher, noutros lados — no meio rural! — as míseras refeições que precisa, diariamente, para sobreviver!

Tivemos escrúpulo de pedir a identificação, de nos armarmos em polícia...!

Eis mais um SOS para comunidades omissas ou débeis em pastoral social! Que se faça uma mentalização missionária, oportuna, adequada, regular, para acudir à Miséria imerecida que se reinstala — cada vez mais! — em consequência de uma crise para a qual não vemos solução a curto nem a médio prazos! «Cada freguesia cuide dos seus Pobres»...

■ Traz a filha pela mão e desaba:

— Olhe prà cara da menina...! Inda não está boa, como vê, e já gastei o que tinha e não tinha!...

Depois, queda num suspiro e continua:

— Já tive que pedir à minha vizinha alguma coisa, emprestada, p'ra dar à menina! A vida dos probes é assim...!

A situação desta família — a quem damos a mão — é difícil. O homem caiu no desemprego e, como último recurso, regressa à mãe-terra...! No S. Miguel tomam conta de umas parcelas, por arrendamento, sem terem que nem para as sementeiras! Agora, porém, no seu meio, alguém lhes afirma, ao ouvido, que poderiam beneficiar d'ajuda oficial:

— Disseram que temos d'reito a: a tença... prà laboira. Acha que sim?... sob a qual...

Do pouco que sabemos desta matéria, esclarecemos que não há tenças. A mulher fica triste! E sublinhamos que, para contraírem um financiamento, além das formalidades burocráticas e o mais..., arca-riam com uma responsabilidade para a qual não estão suficientemente preparados — sem apoio adequado.

É pena! Exactamente porque, na generalidade, se não desce ao rés-do-chão, ao País real, aproveitando (com as mãos ambas) estes homens válidos, dando-lhes a necessária formação; para depois, sim, e; fazerem render, a cem por um, o seu entranhado amor à terra — que nos dá o pão. Não é gravíssimo — como acontece — importarmos duas partes daquilo que chega às nossas mesas todos os dias?!

**PARTILHA** — Cheque da Rua Luís Woodhouse, Porto. Desçamos a Gaia e uma senhora — que «gostaria de ficar anónima» — remete um vale de correio «para distribuírem pelos Pobres mais necessitados». De Aveiro — cuja ria nos encanta! — recebemos outro vale, da assinante 27952 que afirma: «É pouco, mas cheio de boa vontade e amizade. Não ponham o meu nome n' O GAIATO». É a procissão dos Anónimos!

Voltemos ao Norte. Paremos em Espinho, cujas ruas, calçadas e areal percorremos noutros tempos, com o prego d' O GAIATO no coração! É mais um cheque pela mão da assinante 20856, da Rua 20, «correspondente ao primeiro semestre de 1984». Aí está uma subscritora

— amiga dos Pobres — que jamais espera pelo cobrador e chega, de mãos abertas, «com cumprimentos muito amigos».

Assinante 6205, de Goães (Braga), 300\$00 e «muito pesar de ser tão pouco generoso!» Almas delicadas!

Tornamos ao Sul: Presença da Avenida EUA, Lisboa, com um remanescente de contas d' O GAIATO: «Se alguma coisa sobrar, será para a Conferência, para o que mais convenha na ocasião».

A assinante 5963, de Paço de Arcos, não falha um só mês com elevada percentagem do seu vencimento: 8.000\$00!

Em vale de correio, «para um Autoconstrutor», 1.000\$00 da assinante 6.445, de Coimbra — onde Pai Américo tarimbou nos antros mais miseráveis. As dores e os sofrimentos dos Pobres — pela força da Fé em Jesus de Nazaré — deram-lhe asas para erguer a Obra da Rua, abrindo os olhos da alma a milhares e milhares de portugueses.

Da assinante 32395, de Lisboa, 500\$ e um recado oportuno: «Para evitar despesas do correio não é necessário que acusem recepção. Mas, se quiserem fazer uma referência anónima ficarei informada porque leio O GAIATO de ponta a ponta».

O costume costumado do Fundão e «um abraço amigo» que retribuimos gostosamente.

Mais uma presença gaionse! É a assinante 25660 com um cheque de 4.000\$00:

«O meu contributo para amenizar o problema daquele Trabalhador a que descontaram mais de dois mil escudos no ordenado e que contava com mais esses contos de réis para abater ao que deve, pela instalação da luz eléctrica em sua casa. Demorei muito a dar uma ajudinha — e os sacrificados não podem esperar. Que Deus me perdoe.»

Em parte alguma se lê uma Linguagem semelhante!

Da Rua dos Bombeiros Portugueses, Faro, uma remessa proveitosa, muito cuidada, muito amorosa! Ficamos por Coimbra, olhos no Pai Américo — não poderia ser melhor! — atendendo o assinante 25199 com um resto de contas da assinatura d' O GAIATO, «para tapar um infimo buraco da maior necessidade da Conferência».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## Paço de Sousa

**VISITANTES** — Com a melhoria do tempo vão aparecendo mais Amigos que, todos os domingos, nos visitam pela primeira vez e ficam maravilhados com ela: moradias, capela, escola, oficinas, piscina, quinta, mata... E manifestam, a todos nós, o amor que dedicam à nossa Obra.

**OBRAS** — Já terminaram as obras na casa 2, que a transformaram



# NOTAS DA QUINZENA

Cont. da 1.ª página

o teu coração, nem fecharás a tua mão».

E perante Deus?  
«Aos Pobres é anunciada a Boa Nova». Luc. 7,22.

Os que recebem a Boa Nova; os que não deixaram apegar o coração aos bens do mundo; aqueles que estão abertos à conversão; os não orgulhosos — mas humildes. «Bem aventurados vós, os que sois pobres!»

● O Bairro de Miragaia (Porto), construído por Pai Américo, é habitado por 22 famílias. Uma delas é das Criaditas dos Pobres. Irmãs dedicadas, exclusivamente, ao serviço dos mais esquecidos. Também elas são pobres — por amor ao Senhor, aos Irmãos e para partilharem e comungarem na mesma comunidade de destino.

Assim é, de facto. Mal o sol e os reflexos do Douro se comprazem nos telhados vermelhos, elas descem os 50 degraus de pedra que levam à sua casinha pequena e tão modesta, entram nas vielas e, depois, nas famílias precisadas de alívio e esperança. Indiferentes aos belos edifícios de granito, ao mundo que se acotovela e às montras abarrotadas, todos os dias a ronda amorosa pelos aflitos do Senhor.

completamente! Chama-se casa 2 porque, no princípio da construção da nossa Aldeia, foi a segunda, que Pai Américo levantou, naquele tempo com tantos sacrifícios!

Houve, por isso, uma mudança de lugares: Os trabalhadores-estudantes, que frequentam o curso nocturno da Escola Secundária, em Penafiel, estão alojados no primeiro andar do edifício, enquanto os que trabalham fora da nossa Casa moram no rés-do-chão. E, para se aproveitar esta mudança, alguns de outras residências também vieram para esta. Mesmo assim, no dormitório do salão ainda há rapazes. Temos a Casa superlotada!

«TOMATE» — O «Tomate», que sofreu um acidente de viação em Cête, já regressou do Hospital de S. João. Tem problemas de audição! E, por isso, enquanto não melhorar, temos de o ajudar a passar este obstáculo.

FESTAS — Continuam os ensaios e a malta está muito interessada em realizar a pequena volta, pelo Norte do País, com um programa ao gosto dos nossos Amigos. Agora são os «Batatinhas» que estão a ser preparados, em canções e danças. São o melhor *rebuçado* das Festas...!

José Carlos

Talvez queiras fazer parte desta santa ronda... Podes, se nos mandares uma ajuda para essas aflições. Irá ter às Irmãs, que sabem onde elas moram. Mas, se quiseres, podes ir ao Monte dos Judeus, ao Bairro de Miragaia, e sobes os degraus até à casinha das Criaditas dos Pobres.

● Os verdadeiros pobres — conforme o espírito do Senhor — sentem-se irmãos dos Pobres no meio dos homens. Por isso, descem aos seus bairros, sobem às suas habitações, comungam as suas vidas e partilham com eles os

## PARTILHANDO

□ Chegaram duas cartas, na mesma ocasião, com mensagens semelhantes. Um pai abandona dois filhos. Passam anos sem um gesto de interesse ou uma palavra de carinho por eles! A mãe defendeu-os e acompanhou-os até aqui, abandonada pelos familiares... Nós abrimos a nossa porta na mesma hora, tal a aflição daquela mãe.

Do pai nada se sabia. Agora, sim. Vem a carta a pedir-nos licença para visitar os filhos — «pois não os conheço». É verdade! Triste realidade! O

## Mundo moderno

Que é feito das águas límpidas  
Dos oceanos?  
Que é feito das árvores  
E dos campos cultivados  
Onde os pássaros cantavam  
E voavam  
E faziam os seus ninhos?  
Que é feito do azul,  
Muito azul  
Dos céus?  
Que é feito dos peixes  
E de outros seres vivos  
Dôs mares e dos rios?  
Que é feito do ar puro  
Das grandes cidades?  
Que é feito do meu filho  
Que partiu para a guerra  
Já há tanto tempo  
E nunca mais veio?  
Que espécie de mundo  
E de tempo é este?  
Será este mundo moderno  
Um deserto  
De almas e corações?  
E estamos nós todos  
Em pleno século vinte!

Manuel Amândio

bens. Este o verdadeiro espírito vicentino! Faz-nos bem recordar nos 150 anos das Conferências Vicentinas (125 em Portugal).

Ir, comungar e partilhar. Três passos essenciais numa verdadeira acção vicentina.

Ouçamos o Pai Américo: «Dirigi meus passos a um pequeno bairro pobre, instalado entre oliveiras, num cabeço da cidade; e topei ali dois pequenos na casa dos oito e dos dez, aninhados num monte de palha, dentro das paredes dum casebre destelhado. Uma mulher do lugar tomou conta dos garotos. Sentei-me na palha mais eles a ouvir as palavras daquela mulher».

Os quatro sentados na palha! Depois, veio a partilha. Vamos aos Pobres!

Cristo, o «Pobre de Javé», «Qual, sendo rico, Se fez Pobre por nós, a fim de nos enriquecer pela pobreza». Cor. 2,8-9.

Padre Telmo

pai não conhece os filhos porque o amor falhou... Os filhos — vítimas de falhanço familiar — conhecem o pai só pelo abandono! Negativamente. Mas eles não tiveram culpa. Qual a resposta? Eles a darão. Mais ninguém!...

□ Outra: A mãe abandonou o lar. O pai ficou com os filhos, sózinho, lá no extremo sul do nosso País — acabado e já reformado! Eles, os pequenos, vivem agora conosco. A mãe — a viver com outro homem, na capital — mandalhes a seguinte carta que eu abro e leio para eles. Assim: «Estou a pensar ir visitar-vos, porque vos quero muito e um dia vos explicarei o que foi o descalabro da nossa vida, com a separação de que em especial vocês foram as vítimas. Peço-vos para me escreverem e acreditels em mim, que sou fro muito com o vosso silêncio...»

Na resposta dos filhos à mãe, acompanhada da fotografia de um deles a jogar a bola — onde se lê: «amor das crianças» — diz assim: «Mãe, mande frutos secos do ano, figos, amêndoas, nozes, avelãs, etc.; e bolas para mim e o meu irmão Zé. Mãe, eu aqui estou bem e não passo fome. Querias que mandasses uma fotografia tua».

Eis a resposta mais simples e profunda do mundo — amor, figos e bem — a contrastar com o abandono, a fome, o mal por que passavam... E eles sem culpa alguma! As crianças são admiráveis!

A propósito, um jornal nortenho transcreve, hoje, da autoria de um escritor britânico, esta «Frasedo dia»: «Podemos ter quarenta milhões de razões para justificar o falhanço, mas não encon-

## Recado aos novos Assinantes de «O Gaiato»

Cont. da 1.ª página

mos a «pregar» O GAIATO.

Ora bem. Mas o jornal custa — e não é tão pouco o preço de cada edição: Só em papel, neste momento, são mais de 80 contos, sem contar os gastos de composição, impressão e expedição. Pois os nossos assinantes bem o compreendem e por isso me perseguem em cada jornada:

— Quanto é a assinatura? Como se paga? Onde se paga?

O preço essencial é lê-lo e aceitar e corresponder aos desafios que o Espírito faz a cada um. O preço accidental é o que cada um puder e quiser mandar.

Onde?... Pois no canto inferior direito da 4.ª página vem, sobre fundo negro, em letra branca pequenina, o endereço da Administração. Os mais bairristas, preferindo enviar para a Casa do Gaiato da sua região, podem fazê-lo. Basta acrescentar o nome da terra e o respectivo código postal.

Em Lisboa e Porto temos os nossos «depósitos» sobejamente conhecidos: Montepio Geral na Rua do Ouro e Espelho da Moda, nos Clérigos. Em algumas outras terras há devotos conhecidos que chamam a si a aceitação das contribuições e o envio da totalidade.

Para a generalidade do País, a forma mais expedita e mais segura é o envio por cheque ou por vale do correio. Cheque em nome da Casa ou do jornal, que pode vir em simples carta e tem sinal de recebimento no extracto da conta bancária de cada um.

Os vales também não são fáceis de perder e não precisam de mais correspondência a dizer do seu fim, uma vez que, no verso deles, há um espaço para mencionar a finalidade. Preciso, sim, é que no remetente venha o nome e o endereço exactos do assinante e, melhor ainda, também o nú-

traremos uma única desculpa para o facto». Em nosso contexto de vida até se percebe toda a crueza e possível exagero de tal afirmação. Há valores tão elevados a defender que, negados ou calcados aos pés, não é fácil nem possível uma desculpa capaz.

As crianças, meu Deus! Os filhos ao sabor dos mares altos das desavenças familiares! O pão, a educação, o amor pisados aos pés da desgraça! Razões, se as houver, que desculpa?

O que são as crianças! Falam do amor a quem lhes deu abandono! Pedem figos e nozes a quem lhes deu fome! Dizem que estão bem àquela que os deixou muito mal! Pobre mãe que não soubeste receber tais filhos!...

Padre Moura

mero da assinatura. Isto evita o desperdício de tempo e de dinheiro, agora que os serviços dos correios são produto de luxo! Aliás, assim o entende a maioria dos assinantes que, perante a acusação das suas remessas, reage com delicadeza semelhante à deste que, sobre o nosso postal, escreveu: «Suplico que não me mandem isto. Já sei que o cheque ou o vale é um meio seguro».

Padre Carlos

## DOCTRINA

■ Se aqui não fosse sítio de calar nomes, eu havia de berrar, muito alto, o daquele moço que deu uma caixa de vinho fino para os Pobres. Estão actualmente alguns tomando gotas do precioso vinho, em camas, convalescentes e desamparados.

■ E porque não vinho fino aos Pobres? Não sei que doutrinas derrancadas por aí giram, dizendo que para eles cêdeas e cacós é quanto basta. Mentira! Jesus ensina o contrário: «Quando deres algum jantar, não chames os que podem retribuir, mas sim os Pobres — os aleijados, os sem-pão — para que toda a paga venha do Pai Celeste».

■ Neste giro de todos os dias temos topado, vezes sem número, homens pobres e doentes com sua medalha na lapela: ontem, Combatentes da Grande Guerra; hoje, pedintes! Triste sorte de quem faz sacrifícios ou derrama sangue por amor dos homens e das nações, como se no mundo houvesse, jámais, alguma coisa ou alguma pessoa que mereça a nossa vida, a não ser Aquelle que A deu toda por nós!

■ E agora que as nações pedem mais vidas e mais sacrifícios, nós dizemos aqui: — Não! «Mete a espada na bainha, Pedro, que não é o sangue da guerra que traz aos homens a paz».

■ Ele há, na verdade, uma guerra suave e violenta, a nossa guerra de todos os dias; aquela mesma que o Mestre trouxe e deixou ficar no mundo, para que também nós fôssemos milícia ordenada com vitória segura, sem disparar contra ninguém. Esta sim, que é guerra de Paz!

D. Amín 5!

# Autoconstrução

● Ele é funcionário duma autarquia. A mulher trabalha numa fábrica de confecções. Ainda só têm um filho.

O jovem casal larga a cama, todos os dias, muito cedo, rumo ao grande Porto. Nos dias de folga redobra a actividade na construção de uma pequena moradia que, um dia, poderá ser maior...

— É assim, está assim porque tínhamos q'aproveitar o terreno e precisamos de casa p'ra não ocuparmos a dos nossos pais...

Para muitos casais, sem filho no mercado da habitação, a única hipótese é morar no dos pais; ou, então, lançarem-se na aventura da Autoconstrução.

— É um trabalho muito duro! Os materiais e os terre-

nos são muito caros! A gente fez sacrifícios e mais sacrifícios p'ra chegar até aqui, à telhado! Agora vai ser pior...!

— Já gastou muito...!

— Foi-se o que tínhamos guardado! E se não fosse a família não começávamos...!

— Quem lhe deu a mão de pedreiro?

— Um home muito jeitoso, muito trabalhador! Faz o dobro doitros, noitras obras. Ele e nós foi sempre a andar, pinga à lado e um naco de broa com tora. É uma festa!

Levantar uma moradia assim (então nos dias em que assentam placas ou lajes!) é uma festa que esquece ou suaviza, naturalmente, as dificuldades em curso. Tudo se faz rápido — e bem — com berros e cantares ecoando no horizonte. Mais uma prova da

rendibilidade do nosso povo em acções próprias e... nas empresas racionalmente estruturadas.

Bem perto, moureja outro Autoconstrutor. Metalúrgico. Viaja, todos os dias, no comboio, rumo à fábrica, na cintura portuense.

Já chegou à laje de tecto — com muitas dores...! O «pequeno auxílio» que recebeu, foi um rebuçado. Mais não é que um acto de justiça — o reconhecimento da comunidade pela acção empreendida.

Mal refeitos do impacto sentido nos referidos casos — ambos na mesma linha e paróquia, mas diferentes no pormenor — ouvimos a súplica de uma Viúva com um pé na terceira idade:

— Eu fazia uma territa... Não podia fabricá-la sózinha, q'os meus dois filhos casaram, há pouco.

— Onde vive?

— Numa casita q'uma senhora m'emprestou, por grande favor. Não pago renda, até ver... Mas preciso duma, p'ra acabar os meus dias...

— Porque decidiu construir?!

— Não há casas! E as q'aparecem — q'ando aparecem... — são tam caras prà nossa bolsa!... Adei, q'ando larguei a territa vendi a junta de bois, que mal deu prà obra de pedreiro! O dinheiro não chega a nada...!

— É um moradia pequenina...

— Chega p'ra mim! Veja: um cartinho, a salita, a cozinha, a retrete... P'ra mim chega, q'eles (os filhos) têm onde ficar.

— Eles ajudam...?

— Botam a mão na obrita... Não podem dar mais, q'a vida está muito ruim!

— O terreno?

— S'ó tivesse de mercar não fazia nada! O tapadito é uma herda dos meus pais... Não dava p'ra mais nada. Quem me dera uma ajudinha prà telha...!

Aquela noite já dormiu aliviada. Ainda que no resto da caminhada — até ao cimo do calvário — sofra mais insónias. No entanto, a Viúva sabe que não está só. Que Deus vela pelo seu bem-estar. E, como noutros tempos, no fim desta aventura, desta loucura, não deixará de se deliciar com o chilrear dos passarinhos nas árvores ou nas ramadas, quiçá nos beirais da sua casa nascente. E por que vive a sua fé intensamente, dá já graças ao Senhor pela acção inacabada — como na hora das sementeiras ou das colheitas: — **Seja tudo por amor de Deus!**

Quanto se poderia fazer, de Norte a Sul, com este dar de mãos que Pai Américo iniciou, simultaneamente ao crescimento do Património dos Pobres!

● Muitos Autoconstrutores limitam o começo da obra aos aforros da família; e, durante a acção, só ao que

provém do magro salário — privações heróicas! — mai-la ajuda braçal d'amigos e familiares. O crédito — difícil, instável — é um coleite de varas nada generoso, que afasta muitos deles...!

Esta geração de Autoconstrutores nortenhos, particularmente da vasta região do Vale do Sousa, faz autênticos milagres — resolve carências seculares...! — pois numa estreita visão de desenvolvimento regional, a habitação social tem incidido mais em zonas urbanas e/ou periféricas — luto convite às migrações! — preterindo as zonas essencialmente rurais. Em vez de se procurar um remédio preventivo — a fixação das famílias na sua terra, na sua província — acode-se a males posteriores, tantos deles irremediáveis ou de difícil solução!

Já que afloramos o caso da habitação social, é de crer que os problemas, virtudes e benefícios da Autoconstrução talvez principiém, agora, a abrir sulcos na consciência dos responsáveis. Uma recente opção envereda por Autoconstrução na recta final das obras — com uma poupança de 30%:

«Em ordem a tornar mais rentáveis os investimentos do Estado, diminuir os

prazos de construção e melhorar as condições de acesso à habitação por parte dos agregados familiares de menores rendimentos, é instituído — pelo D. L. n.º 460/83 de 30/12/83 — o regime de auto-acabamento nas habitações construídas ao abrigo de programas de habitação social tuteladas por organismos legalmente habilitados, sendo «a caracterização das habitações e dos requisitos condicionantes da sua ocupação objecto de (posterior) regulamentação».

Mais uma razão para não limitarem a habitação social apenas às cidades e vilas, ao litoral, mas penetrarem no interior do País.

Entretanto, sai legislação que visa, também, «contribuir para que as edilidades liderem o processo de urbanização de acordo com as directrizes do seu planeamento urbanístico e possam aumentar a oferta de terrenos para a construção civil, promovendo o aumento do número de habitações sociais por parte das autarquias e do sector cooperativo» (porque não referem, também, especificamente, a Autoconstrução?). Implícitamente, justifica-se a tomada de posição como alternativa à construção clandestina. Todavia, em nosso entender, é mais um passo que — se não apodrecer na gazeta oficial... — poderá abrir caminho a muitas acções válidas, especialmente no interior do País.

Júlio Mendes

## FESTAS

Muitos Amigos nossos — do Norte — foram lembrando, de várias maneiras, a necessidade da Festa: de viva voz, pelo correio, recados pelos distribuidores de O GAIATO, etc.

Todas estas vozes, toda a sua força, foram o motor que revolveu todas as dificuldades!

A Festa começou a dar os primeiros passos e, necessariamente, convocaram-se os «Batatinhas» para esta missão. Eles são a pedra principal, o mais forte ponto de encontro entre a Família «de dentro» e a Família «de fora» — os nossos Amigos. São eles, os «Batatinhas», os que mais têm a esperar de ambas — os que mais precisam. Se por um lado motivam alegria espumante, por outro lado são um sinal vivo, palpitante, da necessidade de receber o amor que esperam de nós e de vós.

Os «Batatinhas» disseram que sim; Começaram os ensaios;

as notas de música — veículo de comunicação — já ecoam pelos ares da nossa Aldeia, em Paço de Sousa; aprendem alguns passos de dança no meio de alguma brincadeira que serve de teste de paciência a quem tem que os ensinar... E tudo vai rolando!

Sendo os nossos Amigos, repetimos, o motor da Festa, notamos que estão satisfeitos pelo convite ao encontro que ela representa. E, como é tradição, estarão presentes em cheio — a nível familiar — nas salas do Norte do País que indicamos no fim deste apontamento, dias e horas já confirmados definitivamente. Contamos também com a presença alegre de muitos jovens — tem crescido substancialmente nas últimas Festas! — contribuindo, com o seu entusiasmo, para que seja maior a alegria de todos.

Até breve, se Deus quiser.

Padre Abel

### ABRIL

2, às 21.30h — Cine-Teatro Augusto Correia  
**V. N. FAMALICÃO**  
Bilhetes à venda: na Confeitaria Bezerra e no Cine-Teatro Augusto Correia

4 » » — Cinema S. Geraldo — BRAGA  
Bilhetes à venda: no Cinema S. Geraldo e Rua Santa Margarida, 8

5 » » — Coliseu do PORTO  
Bilhetes à venda: no Espelho da Moda, Rua dos Clérigos, 54, telefone 23981/2; e bilhetes do Coliseu do Porto, telef. 25196.

10 » » — Teatro Aveirense — AVEIRO  
Bilhetes à venda: no Teatro Aveirense

### MAIO

2, às 21.30h — Amaranthe Cine-Teatro  
**AMARANTE**

## SETÚBAL

Cont. da 1.ª página

rodeiam, não devo aceitá-lo em casa.

Para onde irá ele? Sei que a polícia e os tribunais o procuram.

Para onde deveria ir? Para o seio da Igreja. Ela é Mãe. A Força do Evangelho é tão vigorosa que facilmente se criaria uma instituição capaz de amparar este e tantos outros de que só nos sabemos queixar.

Mas, quem acredita? Quem dá a vida? Quem abre as portas do seu coração ao Redentor para que o Amor Divino se manifeste e seja actuante? Estamos no Ano Santo. Ano de partilha. Nada é nosso. Tudo deve ser de Deus!...

Como é que a Igreja está a viver o Ano Santo da Redenção? Que redimimos? Como se manifesta a Redenção? Ou já não sabemos como fomos redimidos? Ou já nos esquecemos o que significa redimir?

Ele não tem a quarta classe. Não sabe nenhum ofício nem parece ter hábitos de trabalho. Não tem equilíbrio moral nem afectivo. Não tem maturidade.

Por causa dos 130 que nos

Padre Acílio



Director: Paulo Teimo  
Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Administração: Casa do Gaiato - 4560 PACO DE SOUSA - Telef. 952285  
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato - Paço de Sousa